



## A VIAGEM DE ABDIAS NASCIMENTO A BUENOS AIRES: TEATRO, POLÍTICA E NEGRITUDE NUMA CHAVE TRANSNACIONAL<sup>1</sup>

*EL VIAJE DE ABDIAS NASCIMENTO A BUENOS AIRES:  
TEATRO, POLÍTICA Y NEGRITUD EN UNA CLAVE TRANSNACIONAL*

*ABDIAS NASCIMENTO'S TRIP TO BUENOS AIRES:  
THEATER, POLITICS, AND BLACKNESS IN A TRANSNATIONAL  
PERSPECTIVE*

*Eliane de Souza Almeida*<sup>2</sup> 

Universidade de São Paulo, Brasil

*Pamela Gionco*<sup>3</sup> 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

**Resumo:** O presente trabalho tem como foco traçar panorama histórico da passagem de Abdias Nascimento pela América Latina, no início dos anos 1940, até sua estada de um ano, em Buenos Aires, como participante nas atividades pós-espetáculos e nas discussões sobre dramaturgia na companhia teatral Teatro del Pueblo. Acreditamos que esta experiência por parte do então jornalista e depois dramaturgo, ativista e deputado nacional, influenciou diretamente sua concepção do Teatro Experimental do Negro, em seu retorno ao Brasil. Estamos interessados em pensar nesta viagem e nos vínculos estabelecidos com o Teatro del Pueblo a partir de uma perspectiva transnacional e interdisciplinar que nos permita refletir sobre a construção local de arquivos, a circulação de práticas teatrais políticas e a recuperação da memória da comunidade negra na Argentina.

**Palavras-chave:** Abdias Nascimento; Teatro Experimental do Negro; Teatro del Pueblo; Teatro político; Racismo.

---

<sup>1</sup> Uma versão deste artigo foi apresentada como trabalho final da disciplina oferecida pela AUCANI e Unión Iberoamericana de Universidades (UIU). Transdisciplinary Online Graduate Seminars: *Challenges and possibilities in transnational and interdisciplinary studies* Setembro-Dezembro 2021.

<sup>2</sup> Doutoranda em Mudança Social e Participação Política pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). E-mail: [eliane.almeida@usp.br](mailto:eliane.almeida@usp.br) | [ms.elianealmeida@gmail.com](mailto:ms.elianealmeida@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Bibliotecologia y Ciencias de la Información - Universidad de Buenos Aires/ Biblioteca Nacional: Buenos Aires. E-mail: [pamela.gionco@gmail.com](mailto:pamela.gionco@gmail.com)

**Resumen:** El presente trabajo se centra en el recorrido histórico del paso de Abdías Nascimento por América Latina, a principios de la década de 1940, hasta su estancia de un año en Buenos Aires, como participante en las actividades posteriores a la representación y en las discusiones sobre dramaturgia en la compañía teatral Teatro del Pueblo. Creemos que esta experiencia del entonces periodista y luego dramaturgo, activista y diputado nacional, influyó directamente en su concepción del Teatro Experimental do Negro, a su regreso a Brasil. Nos interesa pensar este viaje y los vínculos establecidos con el Teatro del Pueblo desde una perspectiva transnacional e interdisciplinaria que nos permita reflexionar sobre la construcción local de los archivos, la circulación de las prácticas de teatro político y la recuperación de la memoria de la comunidad negra en Argentina.

**Palabras clave:** Abdías Nascimento; Teatro Experimental do Negro; Teatro del Pueblo; Teatro político; Racismo.

**Abstract:** The present work focuses in tracing the historical panorama of Abdías Nascimento's passage through Latin America, in the early 1940s, until his one-year stay in Buenos Aires, as a participant in the post-performance activities and in the discussions about dramaturgy in the Teatro del Pueblo theater company. We believe that this experience by the then journalist and later playwright, activist and national deputy, directly influenced his conception of the Teatro Experimental do Negro, upon his return to Brazil. We are interested in thinking about this trip and the links established with Teatro del Pueblo from a transnational and interdisciplinary perspective that allows us to reflect on the local construction of archives, the circulation of political theater practices and the recovery of the memory of the black community in Argentina.

**Keywords:** Abdías Nascimento; Teatro Experimental do Negro; Teatro del Pueblo; Political theater; Racism.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200123](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.200123)

*Recebido em: 15/07/2022  
Aprovado em: 11/10/2022  
Publicado em: 12/10/2022*

## 1 Introdução

A nossa história cultural latino-americana merece ser constantemente revista, renovando pontos de vista e construindo novos conhecimentos sobre o nosso próprio passado. As possibilidades oferecidas por uma abordagem multidisciplinar permitem-nos repensar como certos

acontecimentos se desdobraram que moldaram as subjetividades daqueles que mais tarde se tornaram importantes atores sociais e políticos.

Este trabalho surge de um testemunho oral, uma história da juventude de Abdias Nascimento (1914-2011), que expressa o impacto que sentiu quando viu um ator branco pintado de preto no palco. A partir desta experiência, ele parte para a criação de um teatro feito por negros no Brasil. Ao propor reconstruir a historicidade dessa história com base em questões como onde este evento teve lugar, quem foi este "ator branco pintado de preto", por que Nascimento estava naquele momento naquele lugar, acreditamos que seremos capazes de expandir o nosso conhecimento sobre as bases e fundamentos de um teatro político negro.

A primeira parte deste trabalho traz uma breve biografia de Abdias Nascimento que traça muito resumidamente sua trajetória, já na segunda parte apresentamos o nascimento da Santa Irmandade Orquídea e, na terceira parte, o contato de Abdias Nascimento com o grupo Teatro del Pueblo durante o tempo em que ficou em Buenos Aires, antes de seu regresso ao Brasil, em 1943.

## **2 Abdias Nascimento: uma breve biografia**

Quem é este homem que desde muito cedo já buscava mudar sua própria condição enquanto pessoa negra? De onde surge o desejo e por onde passou até a criação do Teatro Experimental do Negro? Não pretendemos aqui dar conta de uma longa biografia, pois nosso objeto é o empreendimento de Abdias. Sua biografia pode ser encontrada em trabalhos primorosos como o de Sandra Almada (2009), *Abdias Nascimento* publicado pela Selo Negro em 2009, a obra *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*, de Éle Semog entrevistando Abdias Nascimento e publicado pela Pallas em 2006, além da dissertação de mestrado de Márcio José Macedo intitulada *Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914 – 1968)* defendida em 2005. Faremos

um breve percurso biográfico para que se entenda porque Abdias foi peça importante na luta antirracista no Brasil e continua sendo até os dias atuais.

Abdias Nascimento é um dos grandes nomes da luta contra o racismo no Brasil. O Mestre Griot brasileiro não mediu esforços, por toda sua vida, para inserir o negro no palco da vida cultural, política e econômica brasileira. Do *griot* menino inspirado pelo pai músico e pelas artes circenses, do *griot* rapaz que, apesar de estar dentro das estruturas das Forças Armadas Brasileiras, não se calou nem se rendeu ao preconceito. Do *griot* homem que inventou um espaço formador de atores que atuam até os dias de hoje. E do *griot* espírito que habita o Olorum<sup>1</sup>, cuidando dos seus apesar de aqui não mais estar.

Filho de Dona Josina, doceira, cozinheira, costureira e ama de leite, e de Seu Bem-Bem, músico e sapateiro, Abdias nasceu em Franca, interior de São Paulo, em 14 de março de 1914. Foi criado com seus seis irmãos em constante convívio com as “sinhazinhas” enquanto sua mãe alimentava os bebês das senhoras. Desde muito cedo sabia que era diferente de seu pai e irmãos. Não se conformava com pouco, coisa que preocupava muito seu pai.

A consciência das desigualdades se deu em uma situação inusitada. Abdias conta, no livro *Memórias do Exílio, Brasil 1964-19??*, Volume *De Muitos Caminhos* (1976), que sua mãe, uma mulher muito calma, perdeu o controle diante da violência contra um menino, mais pobre que eles, cometida por uma mulher branca. A mulher espancava o menino negro em frente à casa deles e sua mãe interferiu em defesa do pequeno.

Aos 13 anos, Abdias era professor primário e também trabalhava como guarda-livros em fazendas e sítios vizinhos. O jovem Abdias ganhava com suas atividades três vezes mais que o pai, como sapateiro, e um pouco menos que o prefeito da cidade naquela época. Mas isso não tirava dele o desejo de ser maior que aquela realidade. Diz Abdias:

Para qualquer garoto negro tal situação já representava a conquista do céu, não precisava de mais nada. Mas não para mim. Jamais me acomodaria às regrinhas da cidade, me deixar transformar em

negrinho excepcional: "... sim, ele é negro, mas inteligente, um preto de alma branca!" (NASCIMENTO, 1978, p.26)

Seu pai não queria que Abdias estudasse, pois tinha medo do poder do conhecimento e das coisas negativas que esse conhecimento poderia trazer. Seu Bem-Bem acreditava que com tanta rebeldia, a carreira eclesiástica seria uma boa saída para acalmar o coração de Abdias. Fez todos os rituais iniciais: batismo, catecismo e tudo mais. Quando, então, Abdias resolveu de fato se dedicar à vida eclesiástica, recebeu sinais "divinos" que o tiraram definitivamente deste caminho.

Buscando onde pudesse se dedicar a Deus, Abdias foi a dois mosteiros: o dos Franciscanos espanhóis e dos Agostinianos alemães. Foi discriminado nos dois lugares e desistiu definitivamente da carreira de padre. Muitos anos depois, foi no candomblé que encontrou o caminho do divino, o divino caminho.

### **3 Política e Militância**

Aos 16 anos, movido pelo desejo de ver outras paisagens e vivenciar outras experiências, Abdias entra, como voluntário, no Exército Brasileiro. Em sua sede de aprender e responder suas próprias indagações, aproxima-se de grupos de esquerda e passa a distribuir, por algum tempo, o jornal *Lanterna Vermelha*, publicação comunista clandestina. Pouco tempo depois, cria o jornal *O Recruta*, onde exercia a função de jornalista. Começava ali sua paixão pelas letras. A contradição de fazer parte da força armada que lutava contra os comunistas e o desejo de lutar pela emancipação do negro, deixava-o confuso.

Como pracinha do Exército, participou da Revolução de 1932 ao mesmo tempo em que tomava consciência da questão racial a partir de sua aproximação com o Centro Cívico Campineiro, "grupo cultural composto por uns oito a dez jovens negros" (SEMÓG, NASCIMENTO, 2006, p. 77). Estar em Campinas, cidade vizinha de Franca, sua terra natal, possibilitava manter contato com suas raízes. Desse coletivo fazia parte seu

amigo de infância, Geraldo Campos de Oliveira que o ajudaria mais tarde a dar vida ao Teatro Experimental do Negro em São Paulo.

Em suas vivências na cidade de São Paulo, Abdias contava com a companhia fiel de seu companheiro de Exército e militância, Sebastião Rodrigues Alves. Rodrigues Alves também viria a ser um quadro importante na construção do Teatro Experimental do Negro.

Uma passagem importante a darmos destaque foi a briga que os dois promoveram em um bar e que acabaria na prisão de ambos. Conta Abdias, que em fevereiro de 1936

Éramos cabos do Exército e estávamos à paisana. Pois bem, resolvemos ir a um bar que se chamava Majestic, na Rua Aurora ou Rua Vitória. Chegamos lá e se repetiu aquela coisa de sempre: só podíamos entrar pela porta dos fundos. O motivo? Porque éramos negros. É claro que foi inevitável que acontecesse uma grande cena de pugilato, com pancadaria, quebra-quebra, palavrões e gritaria. (SEMÓG, NASCIMENTO, 2006, p. 77).

O bar ficava num prédio residencial e nele morava o delegado da Ordem Política e Social do Estado de São Paulo, dr. Egas Botelho, que desceu para saber o motivo da confusão e acabou se envolvendo na briga. Abdias e Rodrigues Alves conseguiram fugir da confusão e ficaram livres das consequências daquela confusão até que o lugar onde moravam foi invadido e eles, presos e torturados, durante cerca de um mês. Ambos foram expulsos do Exército. Por conta desse episódio, Abdias ficaria preso no Carandiru, em São Paulo, em 1943. Depois, Abdias resolve ir para o Rio de Janeiro e Sebastião Rodrigues Alves para um convento franciscano em Santa Catarina.

Também foi importante a formação política proporcionada pela Frente Negra Brasileira (FNB) a Nascimento nesse período. A FNB se mantinha atualizada sobre tudo o que acontecia no mundo relacionado com a questão racial. “Foi uma vanguarda com o objetivo de preparar o negro para assumir uma posição política e econômica na representação do povo brasileiro ao Congresso Nacional”. (NASCIMENTO, 1978, p. 29). Em 1937, a FNB foi fechada pela ditadura de Getúlio Vargas, assim como todos os partidos que existiam naquele momento. Conta Abdias que:

Minhas primeiras experiências de luta foram na Frente Negra Brasileira que desde a década de 1920, se esforçavam tentando articular um movimento. Houve, assim, um projeto de reunir o Congresso da Mocidade Negra, em 1928, em São Paulo, o que não chegou a se concretizar. Somente em 1938, eu e outros cinco jovens realizamos o I Congresso Afro-Campineiro e, em 1950, o Teatro Experimental do Negro promoveu o I Congresso do Negro Brasileiro, no Rio de Janeiro. As pessoas e as ideias já vinham de antes, mas foi no início dos anos 1930 que o Movimento se institucionalizou na forma da Frente Negra Brasileira. [...] como movimento de massas, foi a mais importante organização que os negros lograram após a abolição da escravatura, em 1.888." (NASCIMENTO, 1978, p. 27-28).

Em 1938, Abdias volta para São Paulo a fim de organizar o primeiro Congresso Afro-Campineiro, em Campinas. Contudo, o Congresso seria realizado somente em 1950, promovido pelo Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro.

E Abdias continuou sua caminhada. Incomodado com a falta de participação política da comunidade negra, criou com seus parceiros Aguinaldo Camargo e Sebastião Rodrigues Alves, o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, em 1944. O comitê era uma organização ampla que, incluindo negros e brancos, tinha como objetivo a afirmação da perspectiva afro-brasileira. Dois anos depois, o governo fechava o Comitê, mas a semente já estava lançada.

Abdias iniciou, então, o caminho que abriu com a criação do já extinto Comitê Democrático Afro-Brasileiro: o da política partidária. Conta Abdias:

Quis mudar a imagem política do negro. Fui candidato, várias vezes, a vereador do Distrito Federal (Rio de Janeiro), a deputado estadual; por vários partidos. Mas, sempre derrotado. Certa vez a candidatura não vingou porque exigiram de mim um atestado de ideologia. Uma exigência arbitrária. Entrei com mandato de segurança, alegando a inconstitucionalidade do documento, mas os tribunais arrastaram os pés, não julgaram meu recurso, esgotou o prazo do registro da candidatura, e não pude ser candidato do PST. (NASCIMENTO, 1978, p. 34).

No caminhar de sua vida política, Abdias foi o organizador de eventos patrocinados pelo Teatro Experimental do Negro. Como o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950) e a Convenção Nacional do Negro (1945-46), que

propôs à Assembleia Nacional Constituinte de 1945 políticas afirmativas e a definição da discriminação racial como crime de lesa-Pátria.

Em 1950, o Teatro Experimental do Negro assume o projeto Museu de Arte Negra (MAN). Sob a curadoria de Abdias Nascimento, o MAN inaugurou sua primeira exposição, em 1968, no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro. Sobre a experiência com o MAN, Abdias desabafa:

O Museu de Arte Negra sofre de uma ambiguidade profunda. É *sobre* o negro, mas inclui trabalhos de artistas brancos, também. Mais grave é a própria natureza do museu, um troço estático só conhecido e visitado por gente da classe média para cima, só apreciado pelos “entendidos”. Para preencher o seu sentido, o museu tinha de ser móvel, subir os morros, viajar pelo interior do país. Recolher o material criado, exibi-lo para ser discutido, difundido, enriquecido com outras experiências. Valorizar a arte afro-brasileira tendo em vista o povo afro-brasileiro: nós não tivemos condições para este tipo de revolução estética e cultural. (NASCIMENTO, 1978, p.43).

Em seguida, Abdias Nascimento viaja aos Estados Unidos para um intercâmbio com o movimento negro norte-americano. Estava em Nova York quando o regime militar promulgou o Ato Institucional n. 5. Alvo de vários Inquéritos Policial-Militares, Abdias foi obrigado a ficar no exterior, onde foi professor de várias universidades.

Nesse período, desenvolveu técnicas como artista plástico, pintando telas que transmitem os valores da civilização africana, da cultura religiosa afro-brasileira e da luta pelos direitos humanos dos povos africanos em todo o mundo. Participou, no Caribe, na África e nos Estados Unidos, de vários encontros do movimento internacional pan-africanista. Em 1978, recebeu a primeira indicação ao Prêmio Nobel da Paz.

Após 12 anos no exílio, Abdias Nascimento retorna ao Brasil e participa do processo de redemocratização do país ajudando a fundar o Partido Democrático Trabalhista (PDT) ao lado de Leonel de Moura Brizola. Como deputado federal, Abdias Nascimento elabora, em 1983, a primeira proposta de legislação instituindo políticas públicas afirmativas de igualdade racial. Continuou defendendo essa proposta, no período de 1991 a 1999, como senador e como titular fundador da Seafro (Secretaria de

Defesa e Promoção da População Afro-Brasileira) e da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

#### **4 Reconhecimento Internacional**

A Universidade Obafemi Awolowo, de Ilé-Ifé, Nigéria, outorgou-lhe, em 2007, o título de Doutor em Letras, Honoris Causa. O Conselho Nacional de Prevenção da Discriminação, do Governo Federal do México, outorgou a Abdias Nascimento o seu prêmio em reconhecimento à contribuição destacada à prevenção da discriminação racial na América Latina (2008). O Ministério da Cultura outorgou-lhe a Grã Cruz da Ordem do Mérito Cultural (2007), e em 2009, recebeu do Ministério do Trabalho a Grã Cruz da Ordem do Mérito do Trabalho Getúlio Vargas. Ambas são as mais altas honrarias do Governo Federal do Brasil em suas respectivas áreas. Ainda em 2009, recebeu o Prêmio de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo e o Prêmio de Direitos Humanos na categoria Igualdade Racial da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York e Doutor Honoris Causa pelas Universidades de Brasília, Federal e Estadual da Bahia, do Estado do Rio de Janeiro, e Obafemi Awolowo da Nigéria, Abdias Nascimento foi oficialmente indicado ao Prêmio Nobel da Paz de 2010, em função de sua defesa dos direitos civis e humanos dos afrodescendentes no Brasil e no mundo.

Abdias Nascimento faleceu no Rio de Janeiro em 23 de maio de 2011, aos 97 anos.

#### **5 Para além da história: Santa Irmandade Orquídea**

Ao decidir se mudar para o Rio de Janeiro, em 1936, Abdias Nascimento, a partir das relações construídas no Exército, passou a trabalhar no que aparecesse. Só se recusava a fazer trabalhos que o

remetessem à servidão. O primeiro trabalho foi de faxineiro, função que realizou por menos de duas horas.

Em seguida, consegue um trabalho como revisor no jornal *O Radical*. Durante esses tempos difíceis, Abdias se aproxima do movimento Integralista como jornalista do impresso que o movimento havia criado. Essa aproximação dura tempo suficiente para Abdias perceber que o Integralismo não levava em conta as questões raciais e acaba se afastando.

Dessa aproximação, os bons frutos foram os círculos intelectuais que Abdias passou a ter acesso. Nascimento conta que frequentava o Café Gaúcho, no Centro do Rio de Janeiro:

Foi nessa época que frequentei muito o Café Gaúcho, ponto de encontro e concentração da grande intelectualidade. [...] Os intelectuais se encontravam para aquela conversa descontraída e sadia, sempre sobre os fatos atuais. [...] Ali tinha uma turma muito boa de cabeça, gente já feita na vida, já realizada, e aquela situação de poder lidar, conversar com esse tipo de pessoas era formidável, ampliava meus horizontes existenciais. (SEMÓG; NASCIMENTO, 2006, p. 82)

O mundo do jornalismo acaba por proporcionar a Abdias contatos importantes como o encontro com aqueles que seriam seus parceiros na aventura que ganhou nome e sobrenome: Santa Irmandade Orquídea.

O grupo havia sido formado algum tempo antes, em 1941, sob o nome de *Santa Hermandad de la Orquídea*. Além de Nascimento, o grupo era formado por Napoleão Lopes Filho, Gerardo Mello Mourão, Juan Raúl Young, Efraín Tomás Bó e Godofredo Iommi Marini. Jornalistas e poetas, a viagem tinha como objetivo ampliar os horizontes dos irmãos conhecendo a realidade dos lugares por onde passariam. Todos publicavam seus artigos em jornais brasileiros e estrangeiros o que lhes garantia um mínimo de renda para viver<sup>4</sup>. Embora tivessem planejado fazer uma excursão pela Europa, a situação da Segunda Grande Guerra impediu-os. Decidiram então viajar pela América do Sul, começando pela Amazônia.

---

<sup>4</sup>A década de 1940 marca o início da produção intelectual de Abdias do Nascimento. É nesse período que suas primeiras ideias são colocadas no papel. A maioria do material é composta por artigos de jornais (Diário Trabalhista, Folha Carioca, Folha do Rio, Quilombo, A Situação, Diário do Rio, O Jornal e O Sol), de revistas (Senzala, Vamos Ler, The Crisis e Himalaya) além de alguns manuscritos inéditos sobre sua experiência no cárcere durante dois anos. (MACEDO, 2005, p. 58)

Esse contexto, da década de 1940, é um marco na história do teatro brasileiro. Num processo cultural ainda em formação, a intelectualidade branca brasileira via no movimento modernista, a partir do Manifesto Antropófago, de 1928, a possibilidade de criar um teatro concretamente brasileiro. A partir da experiência na literatura romântica, o herói do modernismo está ligado diretamente ao território do Brasil. Reconhecido como o “dono” da terra e exaltado por tal pertencimento, o nativo brasileiro passa a ser referência nas produções artísticas modernistas. Nas artes plásticas, corpos negros e indígenas são representados apontando suas características físicas exaltando a miscigenação e fazendo dela a brasilidade. Para os negros brasileiros, a margem permanecia o lugar de suas manifestações culturais e artísticas. O movimento modernista trazia em si uma proposta transformadora da arte e nela caberia a revolução artística já experimentada, e não valorizada, de negros e negras.

Em meio às agitações políticas e o conhecimento da guerra que assolava a Europa, o teatro é para além de uma atividade de entretenimento, também uma atividade de formação política. Então, Abdias e seus “Hermanos” vão ao teatro. A peça, *O Imperador Jones*, era a primeira experiência de Abdias no teatro.

O evento ocorreu na cidade de Lima, Peru, em julho de 1941. Na peça, o protagonista, Brutus Jones, é um homem negro que foge para uma ilha e se declara imperador, enganando e explorando o povo nativo. O ator branco pintado de negro, que interpreta Jones e choca Abdias, é o peruano rioplatense Hugo Devieri (ou D'Evieri), um dos membros fundadores do Teatro del Pueblo, grupo ao qual Nascimento se uniria por um ano estudando dramaturgia.

Ambientado numa ilha nas Antilhas, a trama trata da história de Brutus Jones, um homem negro, ex-cabineiro de trem que se rebela e foge da prisão se refugiando em uma ilha caribenha e, fazendo acordos com o oportunista branco, Henry Smithers, convence os moradores da ilha de seus poderes mágicos e passa a se intitular Imperador. Imitando seus antigos algozes escravocratas, passa a agir como tirano tornando todos os

habitantes seus servos. Se serve de um mito criado por ele mesmo de que só poderia ser morto por uma bala de prata. Bala esta que guardava a sete chaves para manter o medo e o respeito de seus escravos. Acontece que seus escravizados também se rebelam, fogem e o deixam para enfrentar sua própria sorte. Jones foge para a floresta onde a solidão o faz encarar seus mais profundos medos e angústias. Ao final, é morto por seus ex-servos.

Conta Abdias, no texto *Teatro Experimental do Negro: trajetórias e reflexões*, de 1997, republicado em 2004:

Ao próprio impacto da peça juntava-se outro fato chocante: o papel do herói representado por um ator branco tingido de preto. Àquela época, 1941, eu nada sabia de teatro, economista que era, e não possuía qualificação técnica para julgar a qualidade interpretativa de Hugo D'Evieri. Porém, algo denunciava a carência daquela força passional específica requerida pelo texto, e que unicamente o artista negro poderia infundir à vivência cênica desse protagonista, pois o drama de Brutus Jones é o dilema, a dor, as chagas existenciais da pessoa de origem africana na sociedade racista das Américas. Por que um branco brochado de negro? Pela inexistência de um intérprete dessa raça? Entretanto, lembrava que, em meu país, onde mais de vinte milhões de negros somavam a quase metade de sua população de sessenta milhões de habitantes, na época, jamais assistira a um espetáculo cujo papel principal tivesse sido representado por um artista da minha cor. Não seria, então, o Brasil, uma verdadeira democracia racial? Minhas indagações avançaram mais longe: na minha pátria, tão orgulhosa de haver resolvido exemplarmente a convivência entre pretos e brancos, deveria ser normal a presença do negro em cena, não só em papéis secundários e grotescos, conforme acontecia, mas encarnando qualquer personagem – Hamlet ou Antígona – desde que possuísse o talento requerido. (NASCIMENTO, 2004 [1997], p. 209)

Podemos imaginar que após a apresentação, a conversa com os seus pares argentinos, ou mesmo uma possível aproximação ao ator principal, Hugo D'evieri, permite a Nascimento planejar a possibilidade de viajar para Buenos Aires para aprender mais sobre o Teatro del Pueblo.

Embora tenha sido um dos fundadores do Teatro del Pueblo, em algum momento da década de 1930, Devieri distanciou-se da proposta liderada por Leónidas Barletta. Podemos assumir que ele escolheu um caminho pessoal, artístico e político diferente, mas não temos qualquer documentação sobre a sua separação formal do grupo. Devieri dedica-se a uma performance declamatória, e integra autores negros

latino-americanos como Luis Palés Matos, Emilio Ballagas e Nicolás Guillen no seu repertório. Segundo Cátulo Castillo, Devieri "teve a oportunidade de estudar teatro na Universidad Mayor de San Marco". (CASTILLO, 1943, p. 11). É possível que neste espaço educativo tenha conhecido Manuel Beltroy Vera, a força motriz por detrás da formação do teatro de arte no Peru.

Então, da experiência em Lima, Abdias guardou para si o desejo de buscar fazer algo no Brasil que inserisse o ator negro e a atriz negra no cenário teatral. A incursão o levaria para Buenos Aires, onde estava situada a sede do Teatro del Pueblo. Abdias passa a ser assíduo nas apresentações e permanece ao final delas para participar das discussões que as seguia.

Chegando em Buenos Aires, Godofredo e Raul conseguem para Abdias uma bolsa de estudos que permite a ele terminar seu curso de Economia e lhe dá a possibilidade de se manter com dignidade.

Mas a importância de Buenos Aires, para mim, está em outro fato, pois foi a partir dessa chegada que eu consegui estar mais perto e ver, sentir realmente o que era o teatro. Passei a ser um frequentador assíduo do Teatro del Pueblo, que era uma espécie de escola livre de teatro, com aquele famoso diretor.. era importante lembrar o nome dele ...(SEMÓG; NASCIMENTO, 2006, p. 110)

## **6 As práticas teatrais como estratégia política**

O nome a quem Abdias buscava lembrar era do jornalista e dramaturgo Leónidas Barletta, criador do Teatro del Pueblo, em 1930. O grupo teve seu fim com a morte de seu criador em 1976. Sua proposta era a construção dramática a partir das vivências das pessoas que faziam parte do grupo. De acordo com o pesquisador Osvaldo Pellettieri (2000) o grupo reivindicava a realização de um "teatro de arte" e com conteúdo social que abolisse o conceito de escola e seu compromisso com o passado. O grupo funcionava por meio de uma diretoria, assembleias, espaços de leitura e um diretor orientador que entendia o teatro como militância.

Pellettieri explica ainda que os próprios atores escreviam os textos que eram compartilhados entre os membros. As análises aos textos que se

seguiam avaliavam sua ideologia estética. Barletta entendia seu trabalho no Teatro del Pueblo como “uma restauração do teatro de arte no país”. (PELLETTIERI, 2000, p. 45).

O que é certo é que o Teatro del Pueblo que Nascimento conhece é um grupo consolidado que tem o seu próprio espaço cedido pelo governo municipal. Diversos autores, em particular Pelletieri (2006), organizavam as atividades do grupo dirigido por Barletta, que, após uma fase inicial em que o fenômeno cultural estava a emergir, se estabilizou entre 1937 e 1943. Nesta fase, o Teatro del Pueblo realizou suas atividades no edifício localizado na Av. Corrientes 1530 (atualmente o Teatro General San Martín), e funcionou mais como um centro cultural do que como um teatro comercial. Todos os dias havia palestras, apresentações, exposições, e outras atividades. É possível que Nascimento também tenha estado em contacto com outros grupos independentes, tais como La Máscara, em cujo teatro Hugo Devieri atuou.

Durante o período em que Abdias Nascimento viveu em Buenos Aires, temos notícias de uma atividade organizada pelo Teatro del Pueblo sob o título *¡Arriba negro!*. Este foi um espetáculo apresentado a 16 de Setembro de 1941, dirigido pelo próprio Leónidas Barletta, no qual foram apresentadas várias expressões de "canções, danças, costumes negros" (VERZERO, 2006). Esta atividade se destaca entre todo o programa do grupo, considerando o racismo estrutural que existe na Argentina e a invisibilização sistemática das culturas negras neste país.<sup>5</sup>

Esta experiência em Buenos Aires marcaria para sempre a visão sobre teatro em Abdias Nascimento. Muito nos incomodava nas leituras sobre o Teatro Experimental do Negro as informações que falam da inspiração durante a apresentação de *Imperador Jones* como se algo somente intuitivo tivesse acontecido. Acreditamos ser importante frisar a passagem de Abdias pelo Teatro del Pueblo porque muitas das ideias e

---

<sup>5</sup>Seibel (2010) menciona uma exceção interessante: o grupo IFT (Idisher Folks Teater - Teatro Popular Judaico) realiza encenações teatrais de peças com personagens negras, tais como "Os Negros" de GuerschonAibinder (1933).

posturas dele durante a implantação do projeto, tiveram influências diretas deste tempo.

Abdias Nascimento esteve lá (em Buenos Aires, no Teatro del Pueblo) em seu período mais fecundo, quando além de encenar obras nacionais e estrangeiras, Barletta conseguiu atrair poetas e romancistas argentinos para a produção de espetáculos dramáticos, e promoveu atividades externas, visando levar o teatro ao povo (SEMÓG; NASCIMENTO, 2006, p. 112, n.r.7)

A centralização do diretor orientador foi por muito tempo aplicada no Teatro Experimental do Negro do Rio de Janeiro, até a criação do Teatro Experimental do Negro de São Paulo, sob os cuidados de Geraldo Campos de Oliveira.

Abdias Nascimento voltou ao Brasil, em 1943, certo de que sabia qual era seu próximo passo: criar um teatro especificamente negro, que preparasse atores negros, que estimulasse o processo de educação e proporcionasse a consciência política na população negra brasileira. Contudo, ainda não seria naquele momento que o projeto de Abdias nasceria.

Chegando em São Paulo, Abdias vai preso, pois o Exército, que o tinha excluído, havia instaurado um processo disciplinar contra ele. “Desta forma, eu estava condenado sem saber [...] Era uma condenação à revelia. Um dia qualquer, lá em São Paulo, eu vou outra vez preso, à penitenciária de São Paulo”. (SEMÓG; NASCIMENTO, 2006, p. 116).

Lá ele cria, com o apoio do diretor prisional, o médico dr. Flaminio Fávero, o Teatro do Sentenciado<sup>61</sup>. Foi ali, encarcerado, que Abdias coloca em prática tudo o que aprendeu no Teatro del Pueblo. Preparava-se, empiricamente, para o que seria a mais importante empreitada de sua vida.

Em 1944, Abdias é libertado. Provocando um conflito de jurisprudência no Supremo Tribunal Federal por não terem motivo concreto para mantê-lo preso, foi julgado por um tribunal militar e liberado.

---

<sup>6</sup> Sobre essa experiência ver SEMÓG; NASCIMENTO, 2006, p. 116 -118.

(SEMÓG; NASCIMENTO, 2006, p. 118). Saiu da prisão certo de que um teatro negro era possível.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) é pensado como possibilidade concreta de inserir o elemento negro nessa amálgama da arte moderna. Não havia mais motivos para manter fora da cena teatral do chamado teatro sério, o indivíduo negro. O TEN foi fundado e dirigido por Abdias do Nascimento no ano de 1944, com o intento de reconstruir uma dramaturgia que valorizasse o negro e a cultura afro-brasileira no teatro.

A primeira peça encenada no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, capital federal do Brasil, foi Imperador Jones, de Eugene O'Neill, em 8 de maio de 1945, dia do final da Segunda Grande Guerra.

## **7 Considerações Finais**

Foi sob o impacto da imagem do homem branco pintado de negro na personagem principal da trama de O'Neill que Abdias acorda para a realidade no teatro brasileiro: os palcos de teatro do Brasil não aceitavam corpos negros em cena. A não ser que fossem papéis estereotipados e folclorizados. Segundo a poética aristotélica, na representação teatral o princípio da identificação permite que as emoções sejam purgadas. No século XX, o teatro moderno mostra que a força política de uma peça baseia-se também na identificação, no reconhecimento de si próprio no palco. Abdias viu-se a si próprio num espelho distorcido, um ator branco pintado de preto, e esta experiência permitiu-lhe apreciar o potencial político do teatro.

Dos tempos de Teatro del Pueblo, não se tem notícias de arquivos que guardem documentos, nem de diários ou cartas emitidas pelos *hermanos*. Este texto é parte preliminar de uma pesquisa em andamento e que ousou trazer uma mirada sobre alguns aspectos pouco conhecidos da experiência de Abdias durante sua incursão pelos países da América Latina.

Este artigo não tinha como objetivo tratar da prática do *blackface*,

apesar de ter sido sua prática o fator provocador de certa indignação de Abdias Nascimento. Entendemos que o assunto merece um artigo inteiramente dedicado ao tema já que se trata de uma prática que volta e meia ainda nos assombra e causa bastante incômodo.

O fato novo nesse relato é que a criação de um teatro negro no Brasil foi gestado a partir de experiências decoloniais antes mesmo de o termo ser grafado. Uma prática libertadora que levava em conta a sabedoria do povo local e dava protagonismo aos participantes. Produção de textos coletivos e o desejo de fazer da arte um instrumento de transformação social, esses são os legados do Teatro del Pueblo que podemos observar tanto nas práticas quanto na postura do idealizador do Teatro Experimental do Negro.

Compreendemos que esta experiência deve ser vista transnacionalmente: teve lugar no Peru, durante uma viagem pela América Latina de um grupo de jovens brasileiros e argentinos, o que desencadeou uma transformação e uma reafirmação da identidade de Abdias. Mudou-se então para Buenos Aires, onde viveu e participou na vida cultural do Teatro del Pueblo. Estamos convencidas de que estas experiências são a base da sua carreira como ator e realizador de teatro, bem como a base da sua ideologia política.

## 8 Referência

ALMADA, Sandra. **Abdias do Nascimento**. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Coleção Retratos do Brasil)

CASTILLO, Cátulo. Hugo Devieri 'El blanco que tiene el alma negra'. **El Tamboril**, n. 4, p. 10-12, 1943.

MACEDO, Márcio José de. **Abdias do Nascimento**: a trajetória de um negro revoltado (1914 - 1968). Orientador: GUIMARÃES, Antônio Sérgio. 2005. 248p. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetórias e reflexões. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, p. 209-224, abril 2004 [1997]. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100019>.

PELLETTIERI, Osvaldo. El Teatro del Pueblo y sus puestas de los textos de Robert Arlt. In: PELLETTIERI, Osvaldo. (ed.). **Roberto Arlt: dramaturgia y teatro independiente**. Buenos Aires: Galerna, 2000, p. 43-55.

PELLETTIERI, Osvaldo. Algunos aspectos del "teatro de arte", en Buenos Aires. In: PELLETTIERI, Osvaldo (dir.). **Teatro del pueblo: Una utopía concretada**. Buenos Aires: Galerna/ Fundación Somigliana, 2006, p. 69-158.

SEIBEL, Beatriz. **Historia del teatro argentino II 1930-1956: Crisis y cambios**. Buenos Aires: Corregidor, 2010.

SEMOG, Éle; NASCIMENTO, Abdias. do. **Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

VERZERO, Lorena. Actividades y estrenos (I). In: PELLETTIERI, Osvaldo (dir.). **Teatro del pueblo: Una utopía concretada**. Buenos Aires: Galerna / Fundación Somigliana, 2006, p. 11-43.